

Discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet: memória e (re)atualização de dizeres¹

Fernanda Correa Silveira Galli²

Resumo:

Neste artigo, meu objetivo é apresentar uma abordagem das discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet e refletir sobre a memória discursiva e a (re)atualização de dizeres na rede eletrônica. Em termos epistemológicos, a discussão situa-se na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. No que se refere à questão metodológica, o *corpus* selecionado para análise compõe-se de recortes de dois sites. Assim, o texto divide-se em quatro partes: i) na primeira, trago uma breve introdução sobre a temática do artigo; ii) na segunda, apresento a concepção de memória discursiva; iii) na terceira, detenho-me à discussão acerca das discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet; iv) na quarta e última parte, exponho considerações sobre a discussão.

Palavras-chave: discurso, internet, memória discursiva.

Abstract:

In this paper, my goal is to present an approach about the discursivities “vegetarianism” in the internet and show reflection about discursive memory and the (re)upgrade of words in the electronic network. In epistemological terms, the discussion is in view of Discourse Analysis of the french line. Regarding the methodological question, the corpus selected for analysis consists of cuttings from two sites. Thus, the text is divided into four parts: i) at first, show a short introduction about the thematic of the article; ii) in the second, present the concept of discursive memory; iii) in third, approach to the discussion about the discursivities “vegetarianism” in the internet; iv) the fourth and last part, expose considerations on the discussion.

Keywords: discourse, internet, discursive memory.

*... não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente;
mas sempre enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto,
desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo:*

Introdução

No presente artigo, meu objetivo é abordar as discursividades³ sobre o “vegetarianismo”⁴ na internet e refletir sobre a memória discursiva e a (re)atualização de dizeres, a partir da inscrição do sujeito num (ciber)espaço outro, que é a internet. Embora no imaginário social circule a ideia de “novidade” tanto no se refere ao “vegetarianismo” na contemporaneidade quanto em relação ao (ciber)espaço, parto da hipótese de que esse “novo” implica numa memória discursiva, que retorna e que se configura no entremeio do apagamento e da repetição. Com base em Foucault (1969 [2002, p.151]), tomo a noção de memória como parte do arquivo, como um sistema de enunciabilidade (singular) que traz “o já-dito no nível de sua existência”, configurando-se como um passado que, embora no deslocamento, se mantém no presente.

No que diz respeito ao ponto vista teórico, a discussão que aqui proponho está ancorada na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (mais especificamente, em Foucault e Pêcheux). Quanto ao *corpus* analisado, a seleção compõe-se de recortes discursivos de dois sites: i) o da “Sociedade Vegetariana Brasileira” e ii) o do “O guia verde”. Após esta breve introdução a respeito da temática do artigo, apresento, a seguir, o conceito de memória discursiva e, na sequência, detenho-me à discussão das discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet, abordando a memória e a (re)atualização de dizeres no material de análise. Como fechamento do texto, exponho algumas considerações, de modo a refletir sobre a memória como um processo que se configura na heterogeneidade de vozes na rede eletrônica, que ora são dissonantes, ora se imbricam.

Memória discursiva

Falar de discursividades que circulam na internet é, portanto, falar de sentidos que são, inevitavelmente, reproduzidos como efeito de memória discursiva, constituída pelo já-dito (PÊCHEUX, 1975 [1997]), que torna possível todo o dizer e se liga à noção de interdiscurso, delineada a partir do cruzamento de discursos entre duas ou mais formações discursivas. Esse discurso outro, ou interdiscurso, pode ser definido como: 1) “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso se colocando em cena como um outro” e, ainda, 2) “a insistência de um ‘além’ interdiscursivo [...], um enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ sequência”; é como um “espaço de memória” – atravessado por “divisões heterogêneas de rupturas e de contradições” – que se inscreve pela/na língua (PÊCHEUX, 1983 [1997, p.316-317]).

Abordar a memória discursiva é “considerar a anterioridade e a exterioridade, os dizeres já dados e também aqueles já esquecidos [apagados] ou impossíveis de dizer”, afirmam Moreira e Romão (2008, p.41), a partir de Pêcheux. Nesse sentido, a memória é, então, movimentada pelo dizer e, esse movimento – efeito de ancoragem ao já dado, a um anterior e a um exterior – envolve a “alteridade” que constitui o discurso e se manifesta no intradiscurso, no fio do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.17). A alteridade, pois, aponta a

instauração do sujeito cindido, que, na enunciação, tem a ilusão subjetiva de ser dono de dizeres homogêneos (PÊCHEUX, 1975 [1997]) – (in)completude essa que se presentifica na materialidade linguística dos dizeres na internet, posto que é nas não-coincidências do dizer, “irredutíveis, permanentes... que se produz o sentido” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.26).

Os sentidos, desse modo, emergem da tessitura da memória, da (des)organização tecida a partir do acesso ao arquivo. De um modo geral, o arquivo define-se como o universo de conservação dos enunciados⁵, o “já-dito” que, longe de ser estável, aponta outras formas e sentidos em cada situação de uso, diferenciando o discurso em sua múltipla (co)existência (FOUCAULT, 1969 [2002, p.148]). Como um sistema que governa o aparecimento e o funcionamento dos enunciados como acontecimentos singulares, o arquivo resulta de uma escolha – sempre política – dos elementos e permite que, ao mesmo tempo, os enunciados subsistam e se modifiquem regularmente. Nesse movimento de (trans)formação, o arquivo alcança o horizonte de que fazem parte “a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo” (FOUCAULT, 1969 [2002, p.151]).

É com base nessas noções de memória discursiva, de arquivo e de sentidos – (re)constituídos na e pela heterogeneidade – que desenvolvo, no item a seguir, breve análise das discursividades (recortes discursivos de dois sites), as quais proporcionam a emergência da formação e da transformação dos enunciados na rede eletrônica, lugar também marcado pela heterogeneidade.

As discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet

Antes de me deter à discussão da materialidade linguística, apresento a justificativa sobre a seleção do material de análise. Por que tratar das discursividades sobre o “vegetarianismo” na internet? Minha escolha se justifica: i) pelo fato de a rede eletrônica ser um espaço que possibilita a discursivização de qualquer tema (dentre eles, o do “vegetarianismo”), e ii) porque na internet há, também, a circulação de muitas vozes, das quais emergem efeitos de memória.. Assim, na pesquisa sobre a temática do “vegetarianismo”, na rede eletrônica, encontrei inúmeros sites, blogs, comunidades do *Orkut*, dentre outros, e optei por trabalhar com recortes de dois sites (o da “Sociedade Vegetariana Brasileira” e o do “O guia verde”) que contemplam, de formas diferentes, a questão do “vegetarianismo”.

A expressão “vegetarianismo” traz em si vários significados e, ressaltado, não faz parte de meus propósitos defini-los nesta abordagem, embora as diferenças apareçam nos recortes analisados. Para o que me interessa abordar, julgo pertinente apenas nomear os discursos dos sites como: *vegetarianismo radical* (da “Sociedade Vegetariana Brasileira”) e *vegetarianismo não-radical* (d’“O guia verde”). Como hipertextos acessíveis na internet, os sites configuram-se como espaços de produção de subjetividades, com o intuito, igualmente, de publicização e coletivização de discursos, de coisas, de desejos, de si, etc. Partindo dessa perspectiva, os recortes abordados compõem-se de discursividades que se estruturam no apagamento e na repetição de dizeres, como aparece na Figura 1, abaixo:

12 Vegan Festival - 22 a 25 de julho de 2009 - PUC-Rio

Veganismo: um estilo de vida revolucionário
22 a 25 de julho de 2009 - PUC-Rio

O mundo clama por paz, respeito, dignidade. O meio ambiente está sendo impiedosamente dizimado e dá o seu troco. Os recursos naturais se esgotam diante da exploração insustentável e perdulária imposta por um modo de vida consumista. Perdemos a diversidade das espécies sem nem mesmo conhecê-la. Há doenças, obesidade, sofrimento, fome.



Depois de tantos anos de ideário ‘paz e amor’, ‘igualdade entre gêneros e etnias’, ‘liberdade de expressão’ e ‘respeito à natureza’ ainda engatinhamos, delegando a outros essa tarefa. Ao mudar nosso estilo de vida podemos desempenhar um papel fundamental na construção desse mundo melhor que todos queremos, onde a pomba branca da paz tenha onde pousar seus fatigados pés.

**Venha conhecer o estilo de vida vegano e assuma as rédeas da própria vida:
seja a mudança que você quer ver no mundo**

FIGURA 1 - http://www.svb.org.br/12veganfestival/brazilian_portuguese - Acesso em: 30 mai 2009.

A filosofia do “vegetarianismo” se manifesta, no cartaz em questão, por meio da mistura de vários discursos que trazem um teor apelativo, dentre eles: i) o do movimento *hippie* (materializado nos substantivos “paz, respeito, dignidade”); ii) o do meio ambiente (pedido de preservação do que está sendo “dizimado” – bastante atual, diga-se de passagem); iii) o da sustentabilidade (busca pela harmonia dos aspectos econômicos, sociais e ambientais, com foco na geração futura); iv) o do consumo (que parece ir contra a questão ambiental e a sustentabilidade, já que é necessário consumir para sobreviver – uma contradição própria dos discursos); v) o do político e religioso (convite para a busca de um mundo melhor, valorização do que soa utópico). Esse entrecruzamento de discursos aponta para a memória discursiva (PÊCHEUX, 1975 [1997]), que é constituída pelo “já-dito”, que torna possível a (re)atualização de dizeres.

Outro discurso que também está presente no material analisado é o da propaganda: os verbos no imperativo – “venha”, “assuma” e “seja” – indicam mais que um convite, eles têm um intuito exortativo. Além disso, a sequência discursiva em que tais verbos se fazem presentes (“Venha conhecer o estilo de vida vegano e assuma as rédeas da própria vida: seja a mudança que você quer ver no mundo”) parece, ainda, se coadunar com o discurso da auto-ajuda, que leva a crer em soluções fáceis para coisas difíceis (venha ⇒ assuma ⇒ e haverá mudanças). Segundo Rüdiger (1996 *apud* BRUNELLI, 2004, p.16), o discurso de auto-ajuda “constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos” para que, desse modo, possam encarar os problemas da pós-modernidade. Uma memória discursiva que também é retomada como movimento de resistência ao modelo capitalista atual de viver, comer, consumir.

Com uma proposta diferente da abordada no cartaz do festival vegan⁶ (*vegetarianismo radical*), os próximos recortes analisados trazem uma postura mais amena com relação ao consumo de alimentos naturais (*vegetarianismo não-radical*). Esse material a que me refiro faz parte do conjunto de textos encontrados no site “Guia verde”, mantido por duas jornalistas que dividem a redação da revista “Vida Simples” (no portal da *Abri!*) e que, a partir do gosto “por novidades relacionadas a uma vida urbana mais aprazível e menos agressiva ao meio ambiente” e depois de notar “que muita gente quer ser mais sustentável, mas não sabe como colocar isso em prática” – conforme aparece no link “Sobre” do site –, resolveram “garimpar na cidade de São Paulo onde é possível comprar alimentos orgânicos, roupas e cosméticos mais naturais, locais para reciclar o lixo. Tudo o que possa inspirar uma vida mais verde na cidade.”

Como já disse, optei por nomear tal discurso como o do *vegetarianismo não-radical*, pois embora ele também busque conquistar adeptos, o faz de uma maneira que parece não ser tão radical quanto o da “Sociedade Vegetariana Brasileira”. Ainda assim, os enunciados não deixam de funcionar como agenciamentos, que (re)criam e emolduram o sujeito-consumidor (não só dos alimentos, mas dos discursos sobre), como aponto mais a frente. Esses agenciamentos a que me refiro, com base em Deleuze (1986 [2005]), ligam o “lado de fora” e o “lado de dentro”, numa relação em que o processo de (des)dobramento produz efeitos de subjetivação, “como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro” (p.107). Esse processo está diretamente relacionado com os efeitos de memória dos discursos. Vejamos o recorte da Figura 2, que segue:

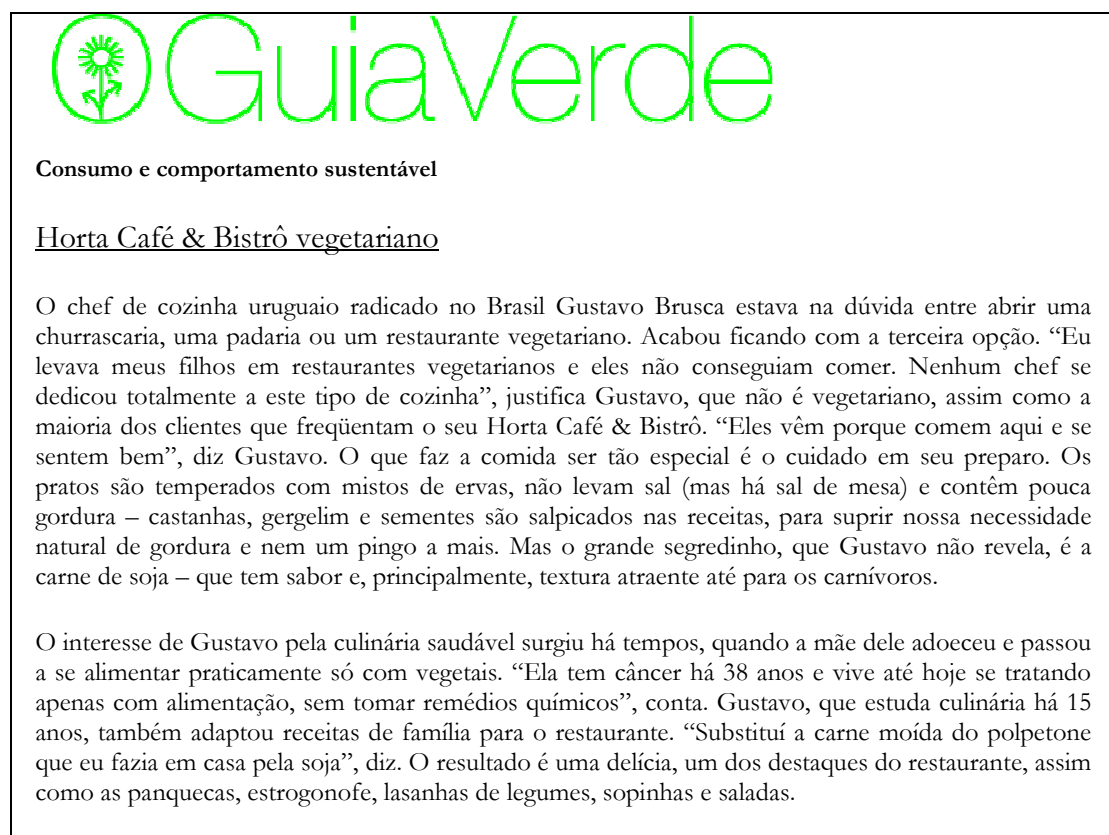


FIGURA 2 - <http://www.oguiaverde.com/?p=681> - Acesso em: 30 mai 2009.

Além de o site funcionar como uma forma de dar recados, de comunicar a proposta do bistrô, parece ser também um espaço de construção de identidades, dado que a posição do *chef* instaura identificações no outro (leitor) com a disponibilização de tais informações na rede (como se nota em alguns posts, analisados mais a frente). É preciso ressaltar que as identidades estão sempre em movimento, em especial na sociedade contemporânea, o que Rolnik (1986 [2005]) chama de “identidades *prêt-à-porter*”, pois estão prontas e podem ser usadas. A internet, por sua vez, permite que o sujeito possa experimentar e modelar identidades, e isso reflete no consumo da comida, nos desejos do sujeito e, conseqüentemente, nos discursos. A posição-sujeito ocupada pelo *chef* – ainda que via jornalistas – instaura “uma oportunidade sem igual de auto-apresentação em relação a qualquer dimensão de identidade pessoal e social que alguém escolhe assumir” (OLIVEIRA, 2009, p.66).

Embora o *chef* não seja vegetariano, ele atrai também os carnívoros: o advérbio “até” traz em si esse efeito de inclusão (dos não vegetarianos no bistrô), visto que implica um modo de o diferente (carnívoro) ser incluído na apreciação da comida vegetariana. Assim, os segredinhos do *chef* fazem com que o (discurso do) sujeito-consumidor entre em sintonia com a proposta do bistrô e assuma outra posição-sujeito: a de não vegetariano que come comida vegetariana, o que aparece nos posts 3 (“nao sou vegetariano, mas... pelo sabor das comidas e seus temperos faz esquecer a quem somos nao vegetarianos”) e 5 (“Não sou vegetariano, mas me rendi as receitas do Horta Café”), da Figura 3. A conjunção coordenada adversativa “mas” traz a ideia de contraste e, ao mesmo tempo, de adição, de inclusão. A memória sobre comida é, então, discursivizada em forma de desejo (repetição) e de certa resistência (apagamento). Essa apreciação do sujeito-consumidor é, ainda, de outra ordem, como se vê, em especial, nos posts 1, 2 e 4:

POSTS

1 - R: agosto 8th, 2008 at 7:15 pm

Eu conheço o Horta desde que ele era apenas uma idéia...E sempre me alimentei muito bem lá. E o melhor de tudo é que sempre há muitas novidades, já que o Gustavo é uma pessoa muito criativa na cozinha.Fico feliz que o horta seja um sucesso.

2 - C: agosto 8th, 2008 at 8:50 pm

Comi uma vez no Horta e percebi uma questão que mudou minha concepção de alimentação... Me fez sentir que comida, culinária, são arte, sensibilidade, criatividade, química e poesia...Quando saí do restaurante senti-me alimentada de corpo e alma, feliz, sabendo que tinha sido diferente dos restaurantes que a gente vai todos os dias pra pegar coisas sem critério, encher a “pança” e voltar sonolenta pra uma tarde de trabalho... Quem gosta de comida vegetariana, ou de comida boa, não vai se arrepender de conhecer esse lugar, que além de agradável, bonito, é simples e de preço barato...Gostei... C.

3 - J: agosto 9th, 2008 at 12:33 pm

As comidas do chef Uruguaio sao uma delicia sinceramente, eu sou uruguaio mas nao sou vegetariano, mas... pelo sabor das comidas e seus temperos faz esquecer a quem somos nao vegetarianos que temos que nos alimentar periodicamente com as graças da mae natureza nos da no seus vegetales.

Abraço Gus e cada dia sao mais gostosas suas opções!!! adiante assim!!!

4 - P: agosto 9th, 2008 at 5:18 pm

Vou semanalmente ao Horta ja se tornou um hábito ..e sempre como muito bem.Os pratos vem com uma apresentação unica com um visual apetitoso e saboroso.

Muito sucesso Gus ...

5 - M: agosto 9th, 2008 at 8:26 pm

Não sou vegetariano, mas me rendi as receitas do Horta Café. Conheço desde que abriu e sempre sai satisfeito.

Gus... Parabéns e muito sucesso.

Percebe-se que os atrativos não se resumem à comida em si, mas ao modo como é preparada (e discursivizada): os temperos usados transformam um simples prato em iguaria e a sua apresentação proporciona uma satisfação não só do corpo – estômago – mas de desejos outros. Assim, o atraente também é a “novidade” (post 1), a “criatividade” (post 2), enfim, “o visual apetitoso e saboroso” (post 4). Tem-se (um discurso sobre) uma gastronomia-vegetariana que atrai, inclusive, porque é de natureza “espetacular”: preza, além do sabor, a apresentação, o que leva o sujeito-consumidor a contemplar os pratos e não apenas a devorá-los. É uma outra ideia de consumo. E, embora haja o funcionamento de uma indústria do “vegetarianismo” à parte, que envolve questões socioeconômicas, há também uma memória que é (re)configurada na valorização (repetição) de uma comida mais requintada – que não tem como base o trio “arroz, feijão e carne” –, como já houve em outras épocas. E isso emerge nos recortes discursivos, em especial nos posts 2 e 4.

No que diz respeito ao consumo atual do alimento, faço referência, aqui, a um diálogo do filme “Estômago”⁷, quando Giovanni, dono da cantina, diz: “Cozinhar é uma arte. É que nem cantar, pintar. Cozinhar é uma arte, Nonato, e aqui é o nosso atelier: a cozinha. E os temperos e os ingredientes é que são as nossas tintas”. Essa questão da arte se faz presente no post 2, por exemplo, no trecho: “sentir que comida, culinária, são arte, sensibilidade, criatividade, química e poesia... senti-me alimentada de corpo e alma”. A arte, a beleza e o conforto parecem fazer parte não apenas do ambiente – uma casa antiga, com móveis de demolição, espaços agradáveis –, mas da proposta do bistrô e do discurso do *chef*, que diz “Eles vêm porque comem aqui e se sentem bem” (Figura 2). Arelada à arte, ao sabor, à beleza e a outras características mais, podemos pensar o discurso do *chef*, ainda, como jogo de poder-saber, que (re)estabelece formas possíveis de conhecimento, no sentido dado por Foucault (1978 [1997]).

Nessa perspectiva, o *chef* se revela por meio do que fala (no site), do que faz e da comida que prepara, de modo que os consumidores são atraídos pela sua culinária e, na posição de *chef*, ele parece instaurar esse desejo também via discurso, o que emerge na sequência “Nenhum *chef* se dedicou totalmente a este tipo de cozinha” (Figura 2). De um lado, está o discurso do *chef* não-vegetariano deslocado para o preparo e discursivização da culinária-vegetariana, o que provoca o apagamento de dizeres sobre a comida, sobre as preferências vegetarianas ou não-vegetarianas do sujeito-consumidor; de outro lado, está o sujeito-consumidor que, metaforicamente, é consumido, o que reproduz e intensifica uma memória discursiva sobre a comida (desejo e necessidade de saciar o estômago), seja vegetariana ou não-vegetariana.

Algumas considerações...

Remetendo à epígrafe inicial de Foucault, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados permite que os efeitos de sentidos sejam constantemente (re)significados, a partir das relações estabelecidas em certos modos de existência, nos e pelos “jogos enunciativos”. Dessa forma, a análise das discursividades sobre “vegetarianismo” na internet vem reforçar a hipótese de que é na (re)atualização de enunciados que a memória

discursiva aflora; é no movimento de apagamento e de repetição de discursos que emergem “novos” sentidos, permeados pelas (des)identificações do sujeito que se inscreve na internet. Nesse processo de identificação e desidentificação – com os discursos, com o outro, com o consumo da comida, etc. –, o sujeito expõe, ainda, a “anterioridade” e a “exterioridade” da memória discursiva, bem como deixa entrever que o acesso ao arquivo tem um estatuto singular. Essas formas de singularidade marcam, pois, os diferentes discursos, sentidos, enfim, os modos outros de ser do sujeito, de maneira que a heterogeneidade parece ser potencializada na rede eletrônica.

Referências bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, J. 1998. *Palavras incertas*: as não coincidências do dizer. Trad. Coord. por Maria Onice Payer. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- BLEIL, S. I. 1998. *O Padrão Alimentar Ocidental*: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. Cadernos de Debate, Campinas: NEPA UNICAMP, Vol. VI, p.1-25.
- BRUNELLI, A. F. 2004. “O sucesso está em suas mãos”: análise do discurso de auto ajuda. Campinas. 164p. (Doutorado em Linguística) – UNICAMP/IEL.
- DELEUZE, G. 1986. *Foucault*. Trad. Cláudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, M. 1969. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz F. B. Neves. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, M. 1978. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramalhete. 32 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. 1986. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, R. M. C. de. 2009. Ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog? In: AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (orgs.) *Blogs.Com*: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial.
- PÊCHEUX, M. 1975. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. 1983. Análise automática do discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p.311-318.
- ROMÃO, L. M. S.; MOREIRA, V. L. 2008. Apontamentos sobre (in)significação, esquecimento, memória e semântica global nos discursos da mídia impressa brasileira sobre Carlos Lamarca. In: ROMÃO, L. M. S. & GASPAR, N. R. (orgs.) *Discursos midiáticos*: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João, 2008, p.39-54.

¹ Artigo produzido no 1º semestre de 2009, como resultado da participação no curso “O sujeito do discurso nas malhas do digital”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, sob a orientação da Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão, a quem agradeço a produtiva e enriquecedora interlocução.

² Doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP, pós-doutoranda pela FFCLRP/USP – FAPESP e integrante do Grupo de Pesquisa “Discurso e memória: nos movimentos do sujeito”, coordenado pelas Profas. Dra. Lucília Maria Sousa Romão e Dra. Soraya Maria Romano Pacífico, da FFCLRP/USP. fcsgalli@hotmail.com

³ A noção de discursividade é adotada com base em Pêcheux (1969 [1997]), que a define “como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história” (p.63).

⁴ Trago a expressão grafada entre aspas e esclareço que não faz parte de meus objetivos tratar das formas de vegetarianismo (Ovolactovegetarianismo, Lactovegetarianismo, Ovovegetarianismo, Vegetarianismo estrito).

⁵ Da perspectiva teórica aqui adotada, o conceito de enunciado não resulta da combinação de palavras que, simplesmente, representam conteúdos, mas daquilo que é transmitido, conservado e que o sujeito se apropria, repete e transforma.

⁶ Disponível no site da SVB (Sociedade Vegetariana Brasileira), que enfatiza a prática do politicamente correto: a SBV trabalha, sem fins lucrativos, para que o vegetarianismo seja conhecido e aceito como uma opção alimentar benéfica para a saúde humana, dos animais e do planeta.

⁷ Drama brasileiro de 2007, dirigido por Marcos Jorge.